

Os Doentes no EU

The sick in the I

r e v i s
t a d e l
i t e r a
t u r a
o u t r a
t r a v e
s s i a

Claudemir Pedroso Flores
UFSC

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2020.e73269>

Resumo

Este artigo propõe uma leitura do poema “Os doentes”, presente no livro *Eu*, do poeta Augusto dos Anjos, a partir da concepção do filósofo Walter Benjamin acerca da alegoria como procedimento ruinoso da linguagem. Nesse poema, um “Eu” narra eventos históricos como alguém que caminha por uma metrópole anacrônica, estando ele próprio transpassado pela decrepitude individual – a hética, ao mesmo tempo em que padece uma culpabilidade por ter “violado as leis da Natureza” – a ética. Considero a morte e a decrepitude física — retratadas ao longo do poema no corpo, na doença, no cadáver e na putrefação — como alegóricas da degenerescência moral e ética de uma “raça loura”. Tal leitura torna possível situar a voz narrativa do poema em duas dimensões limiares, pois o “Eu” é ao mesmo tempo um outro (cada um dos adoecidos) e os outros (uma civilização doente).

Palavras-chave: Poesia brasileira; Ruinologia; Genocídio e Ética; Augusto dos Anjos

Abstract

This article proposes a reading of “Os doentes”, poem included in the book *Eu*, by the poet Augusto dos Anjos, starting from the philosopher Walter Benjamin’s conception about allegory as a ruinous procedure of language. In this poem, an “I” narrates historical events as someone who walks through an anachronistic metropolis, being himself pierced by individual decrepitude – the hética, at the same time that he suffers a guilt for having “violated the laws of Nature” – the ethics. I consider death and physical decrepitude - portrayed throughout the poem in the body, in illness, in the corpse and in putrefaction - as allegorical of the moral and ethical degeneration of a “blond race”. Such reading makes it possible to place the narrative voice of the poem in two threshold dimensions, because the “I” is at the same time another (the sick) and the others (a sick civilization).

Keywords: Brazilian poetry; Ruinology; Genocide and Ethics; Augusto dos Anjos

Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!
Augusto dos Anjos

Augusto dos Anjos (1884-1914) publicou apenas o livro intitulado *Eu*, em 1912, e morreu prematuramente. Ao título original, foram acrescentados “Poesias Completas”, na 2ª edição de 1920, e “E Outras Poesias”, na 3ª edição de 1928,¹ ambas póstumas. Ao primeiro livro, foram sendo acrescentados poemas encontrados em outras fontes, como jornais e suplementos literários. Uma controvérsia não resolvida é a causa da morte de Augusto dos Anjos, pois seus biógrafos divergem entre tuberculose, pneumonia, bronquiectasia, entre outras doenças respiratórias².

Há diferentes propostas de leitura da sua poesia na crítica literária. Algumas enfatizam a biografia do poeta, seu aspecto psicofísico, atribuindo-lhe uma constituição mórbida e um humor melancólico, e derivam a leitura dos poemas pela análise psicológica do autor. Há, inclusive, estudos psicanalíticos com o intuito de lançar luzes sobre essa poética tão singular. Outros procuram insistentemente incluir Augusto dos Anjos numa determinada escola literária³.

O *Eu* pode ser considerado um enigma, no sentido atribuído a esse termo por Jacques Lacan,⁴ quando se ocupou da relação entre o saber e a verdade. O psicanalista francês afirma que a estrutura da interpretação é a de um saber com a função de uma verdade. O saber pode ser gerado a partir de um enigma, que é uma enunciação (dizer) a procura do seu enunciado (dito). Com uma fortuna crítica tão diversificada, qual dificuldade de leitura o livro apresenta? Um tema tratado reiteradamente nele é a morte, e “raramente em algum outro domínio nossos pensamentos e sentimentos mudaram tão pouco desde os tempos primitivos - o antigo permaneceu tão bem escondido sob uma fina coberta – quanto na nossa relação com a morte”⁵. Na poesia de Augusto dos

1 Os frontispícios das três primeiras edições encontram-se reproduzidas em: ANJOS, Augusto dos. 1884-1914. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 43.

2 A controvérsia é tamanha que o biógrafo Humberto Nóbrega intitulou “Augusto não foi tuberculoso” um capítulo do seu livro. Ver: NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*, 1962.

3 A fortuna crítica acerca de Augusto dos Anjos está resumida em uma edição de sua obra completa do seguinte modo: ensaios biográficos, análises literárias, teses médicas e psiquiátricas e crítica textual. Ver: ANJOS, Augusto dos. 1884-1914. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 45.

4 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. 1969-1970, 1992.

5 FREUD, Sigmund. *O infamiliar/Das Unheimliche*. Seguido de *O Homem de Areia* / E. T. A. Hoffmann, 2019, p. 87.

Anjos, os leitores deparam-se com a questão da finitude de cada indivíduo, sua morte física. Mas ela pode ser lida além dessa perspectiva.

Como escutar a escritura presente na poesia de Augusto dos Anjos sem literalizar seu texto e nem fugir para uma explicação pela psicologia do autor? Algumas indagações iniciais ajudam a ir além de uma leitura ao pé da letra. A qual corpo referem-se seus poemas? A putrefação neles descrita é meramente física? Quem é o Eu que dá título ao livro? Em 1929, no texto “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”, o filósofo Walter Benjamin afirmou que “também o coletivo é corpóreo”⁶. Por outro lado, Lacan descreveu a formação do Eu a partir da alteridade, no seu escrito “O estádio do espelho como formador da função do eu”⁷. Nele, trabalhou o aforismo “Eu é um outro”, cunhado pelo poeta Arthur Rimbaud⁸. Tomando a afirmação do filósofo de que o *coletivo é corpóreo* e do poeta de que *Eu é um outro* como premissas, proponho uma leitura do poema “Os doentes” como entre-lugar sob dois aspectos: a) entre o Eu e o outro e b) entre o individual e o coletivo. Tal leitura deriva do entendimento de que o corpo, a doença, o cadáver, a caveira são alegorias usadas para retratar dimensões do perecimento e da transitoriedade de etnias e raças no decorrer da história, inclusive aquelas vítimas de genocídio. Na dimensão hética, os fisicamente adoecidos são aqueles que padecem a opressão imposta pelos mais fortes. Por outro lado, esses opressores são eticamente doentes.

Um viés da crítica

Conheci alguns poemas de Augusto dos Anjos nas aulas de literatura no ensino médio. O poeta foi apresentado como “maldito”, cujo semelhante mais próximo seria Alphonsus de Guimarães, por também tratar-se de um “pessimista”, numa época dourada da cultura europeia, tão idealizada aqui nos “tristes trópicos”. Seriam poetas malditos ou mal lidos? Falando em escola, Antonio Candido, em seu pequeno manual, chama Augusto dos Anjos de poeta marginal, pela “singularidade do seu único livro”⁹. No parágrafo no qual se ocupa dele, afirma que seus versos “são poemas, na maioria sonetos, quase únicos na literatura brasileira”¹⁰, mas sem elencar quais seriam os demais. Talvez os sonetos do simbolista Cruz e Souza, afinal o crítico o enumera como uma de

6 BENJAMIN, Walter. “O surrealismo: último instantâneo da inteligência europeia”, 1994, p. 35.

7 LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do Eu”, 1998. p. 96-103.

8 RIMBAUD, Arthur. “Carta a Izambart”, maio de 1871, “carta a Demyeny”, 15 de maio de 1871, 2011, p. 42.

9 CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira (Resumo para principiantes)*, 1999, p. 65.

10 *Ibidem*, p. 65.

suas influências. Quando afirma que Augusto dos Anjos foi “marcado pela influência de Baudelaire e do português Antero de Quental”,¹¹ Antonio Candido faz uma leitura cronológica, a qual se propôs em seu livro. Esse fato se evidencia por Quental ter vivido de 1842 a 1891, Cruz e Souza de 1861 a 1898 e Baudelaire de 1821 a 1867.

O que destaca de importante nessa história da literatura é o “quase únicos” com o qual o crítico adjectiva os poemas de Augusto dos Anjos. Tomo o advérbio *quase* como um indício do entre-lugar de sua poesia: quase Simbolista, não fosse o tema; quase Expressionista, pois a linguagem é científica; quase moderno, porém adotando sonetos.

A construção da narrativa histórica a partir da cronologia e da história da literatura por escolas que se sucedem teve sua importância. No entanto, é necessário ir além. Como ensinou o antropólogo Marshall Sahlins, no livro *Ilhas de História*,¹² cada cultura tem sua própria historicidade. A produção literária de Augusto dos Anjos está inserida numa cultura notadamente de oposição entre classes antagônicas, cristalizada também em seus bens artísticos. A partir da leitura do poema “Os doentes”, pretendo demonstrar que a dificuldade em situar Augusto dos Anjos dentro da literatura brasileira decorre também da denúncia que realiza dessa cultura de classes antagônicas, da opressão de uma cultura sobre outra, do genocídio de uns povos por outros. Não é por uma idiosincrasia do seu autor que o *Eu* incomoda, mas pela posição ética que o discurso de seu texto assume.

Entre-lugares

O tempo anacrônico da poesia

Ao longo da história das ideias, o tempo não foi pensado exclusivamente da perspectiva cronológica. A noção de eterno retorno em Nietzsche (1844-1900), como formalização de um tempo sempre em devir para a origem, o conceito de compulsão à repetição de Freud (1856-1939), como uma experiência circular, na qual retornamos automaticamente a um mesmo lugar, e o tempo-do-agora de Walter Benjamin (1892-1940), no qual “a existência abandona o leito do tempo, espuma muito alto, para um instante no vazio, fulgurando, e em seguida retorna ao leito”,¹³ são anacronismos exemplares. Benjamin trabalhou com um conceito anacrônico de tempo, pois diferenciou origem (*Ursprung*) de gênese (*Entstehung*), afirmando que “origem não

11 Ibidem.

12 SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*, 1994.

13 BENJAMIN, Walter. “Que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht”, 1994, p. 90.

designa o processo de devir de algo que nasceu, mas antes aquilo que emerge do processo de devir e desaparecer”¹⁴.

O conceito de origem de Benjamin, por fundir devir e desaparecimento, amplia a possibilidade de leitura da poesia de Augusto dos Anjos. Afinal, o cadáver é emblema do desaparecimento como devir do ser humano. A tísica, decrepitude inexorável da vida biológica, é o contínuo caminhar para a finitude. Mas há outra perspectiva de leitura para a sua poesia, além dessa que representa a morte do ponto de vista biológico. Há nela um caráter ruinoso, nos termos definidos por Benjamin, ao escrever acerca da *Origem do drama trágico alemão*:

Com ela (a ruína), a história não se revela como processo de uma vida eterna, mas antes como o progredir de um inevitável declínio. Com isso, a alegoria coloca-se declaradamente para lá da beleza. As alegorias são, no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas¹⁵.

O corpo, a doença, o cadáver, a caveira, são alegorias criadas por Augusto dos Anjos como procedimento que arruína a própria linguagem da qual faz uso, pois atentam contra um romantismo e um cientificismo e seus jargões, defensores de uma concepção de história como progresso contínuo. Sua poesia convoca a olharmos a morte de frente, desde que possamos olhar para trás, para as ruínas deixadas soterradas no processo civilizatório. Como o anjo da história de Benjamin¹⁶ o augusto anjo da morte é uma alegoria, na qual a degeneração física do corpo revela o “progredir de um inevitável declínio” em termos éticos e morais. Sua lírica difere do culto às musas justamente pelo uso de alegorias e não apenas em razão da terminologia fúnebre que emprega. Augusto dos Anjos “coloca-se declaradamente para lá da beleza”, por ocasião da sua “Carta Aberta”, publicada no jornal *O Comércio* em 20 de agosto de 1901, ao afirmar: “Apenas faço o que posso e demais não sou um dedicado cultor das musas. Longe de mim a fofa pretensão de ser sumidade literária nesta terra”¹⁷.

14 Idem. *Origem do drama trágico alemão*, 2016, p. 34.

15 Ibidem, p. 189.

16 Benjamin descreve o anjo da história, a partir do quadro *Angelus Novus* de Paul Klee, nos seguintes termos: “O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”. BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”, 1994, p. 222.

17 ANJOS, Augusto. “Carta Aberta”. In: *Obra completa: volume único*. Organização, fixação do texto e

Nas artes, há um procedimento anacrônico, pois “a poesia é aquilo que regressa a escritura até o lugar de ilegibilidade de onde provém, para onde ela segue se dirigindo”¹⁸. A escritura de Augusto dos Anjos é exemplo disso, pois em sua poesia a morte é o procedimento alegórico do desdobramento do corpo vivo em cadáver e também de seu desmembramento em doença, apodrecimento e caveira. Por outro lado, a decrepitude física do corpo é uma alegoria da extinção de “bilhões de raças”, descrita logo na primeira parte do poema “Os doentes”:

E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram!¹⁹

A ruinologia no poema “Os doentes”

É notória uma leitura que, a partir do título *Eu*, analisa os poemas nele presentes como sendo a descrição da pessoa Augusto dos Anjos²⁰. Os argumentos a favor dessa tese fundamentam-se sobretudo na biografia do autor, seu aspecto psicofisiológico: doença respiratória, melancolia, humor taciturno, corpo magro e encurvado. Até que ponto esse perfil biográfico do autor não é influenciado por uma leitura de sua poesia? É uma hipótese plausível a de que o humor da pessoa Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos tenha sido, em parte, suposto a partir de seus poemas²¹.

Augusto dos Anjos viveu, simultaneamente ao agravamento de sua condição de saúde, a decrepitude sócio-econômica do final do ciclo dos engenhos de açúcar, decorrente de uma crescente industrialização. Nesse veloz e voraz processo, sua casa natal, o engenho Pau d’Arco, resultou numa usina. José Lins do Rego, conterrâneo do poeta, descreveu a decadência do engenho e da família como resultado da morte de um sistema produtivo e também do patriarca:

notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 580.

18 AGAMBEN, Giorgio. “A quem se dirige a poesia”. *Giorgio Agamben: um poema e um ensaio*, 2016,.

19 Versos 12 a 14 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa: volume único*, 1994, p. 236.

20 Toda uma fortuna crítica seguiu as posições de Órris Soares, auto-intitulado amigo do poeta, que prefaciou a 2ª edição do livro, cunhando as seguintes frases acerca do poeta e da obra: “O título do livro vale por uma autopsicologia. (...) O *Eu* é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa: volume único*, 1994, p. 60, 64.

21 Sobre o assunto, ver o capítulo “Augusto, poeta humorista?”, do biógrafo Humberto Nóbrega. In: NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*, 1962.

O que Augusto vê dentro de casa é a morte, o pai morto, a família perdida, o morcego nos caibros do quarto (...). O Pau d'Arco poderia ter sido para este homem magro seu sanatório e foi, no entanto, a realidade de seu povo derrotado. O menino havia de perceber que a terra fugia dos pés de sua gente. Os meirinhos rondavam a casa grande, o doutor declina e compõe. As canas acamam na várzea úmida, e a roda d'água parada mostra as suas comportas, como dentaduras podres expostas ao tempo²².

O início do século XX pode ter sido uma bela época para a Europa, enquanto no Brasil era estampada a transitoriedade de tudo. A modernidade que se anuncia não consome apenas os engenhos de cana, mas se apresenta como um sistema de produção que consumirá os próprios trabalhadores em suas futuras usinas e fábricas. Um poema de Augusto dos Anjos serviu de epígrafe para Ana Luiza Andrade, no texto no qual discorreu acerca da literatura como manifestação desse processo:

Essa decrepitude moderna, projeção de um capitalismo decadente – que acelera o fim da mão de obra escrava, a vinda da industrialização e o progressismo tecnológico – reflete-se no modo de choque do trabalho fabril de uma modernidade industrial, e se manifesta na literatura brasileira através de insetos, estes “operários das ruínas” (lembrando a epígrafe de Augusto dos Anjos) corrosivos de paisagens, de corpos, de cidades (...)²³.

A ruína a que Augusto está submetido desde menino é tanto material quanto espiritual. É a mesma ruína percebida desde o solo, o corpo, os prédios, compondo um quadro de doença geral, decomposição de tudo, seja orgânico, seja inorgânico, da qual faz inventário em seu poema:

O inventário do que eu já tinha sido
Espantava. Restavam só de Augusto

22 REGO, José Lins do. “Augusto dos Anjos e o engenho Pau d'Arco”. In: *Obra completa*. volume único, 1994, p. 135.

23 ANDRADE, Ana Luiza. “A modernidade de uma linguagem em ruínas: contra-arquiteturas”, 2016, p. 354.

A forma de um mamífero vetusto
E a cerebralidade de um vencido!

(...)

A ruína vinha horrenda e deletéria
Do subsolo infeliz, vinha de dentro
Da matéria em fusão que ainda há no centro,
Para alcançar depois a periferia!

Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!
Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos
Tinham aspectos de edifícios mortos
Decompondo-se desde os alicerces!

A doença era geral, tudo a extenuar-se
Estava. O Espaço abstracto que não morre
Cansara... O ar que, em colônias fluidas, corre,
Parecia também desagregar-se!²⁴

Proponho trabalhar com o poema “Os doentes” porque nele leio a narração simultânea da decrepitude do corpo individual, do tecido social e de uma moral civilizatória que já não se sustenta. Em seus versos, a voz narrativa de um Eu faz um percurso inventariando eventos da história, ao passear por uma metrópole e assombrar-se com o que vê.

O poema “Os doentes”

O *Eu* contém 56 poemas, escritos entre os anos de 1904 e 1910, na sua maioria no engenho Pau d’Arco, propriedade do pai do poeta. São majoritariamente sonetos, tradicionalmente compostos de quatro estrofes, sendo as duas primeiras de quatro versos e as duas seguintes de três. Ou seja, são versos com rigor formal. Contudo, há alguns poemas que chamam a atenção pela quantidade de versos. São eles: “Monólogo de uma sombra” (186 versos), “As cismas do destino” (420 versos), “Os doentes” (438 versos) e “Gemidos de arte” (168 versos). Há um recurso narrativo recorrente no

24 Versos 395 a 418 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 248.

livro, utilizado nos poemas com grande número de versos. A introdução de um tema é feita pela descrição do ambiente em torno do Eu que narra, incluindo na cena uma caracterização do seu estado de humor e atividade psíquica. “Os doentes” inicia-se assim:

Como uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!²⁵

A estrofe seguinte já introduz o tema, ao narrar que sob os seus pés jazem enterrados “um fígado doente que sangrava e uma garganta de órfã que gemia”. Essa “cabeça autônoma” pensava nos doentes. Quem são os doentes? E de qual doença padecem?

Utilizo o recurso narrativo presente nos poemas extensos como critério na divisão que proponho para “Os doentes”: a) versos 5 a 170: descrição da Paraíba indígena, esmagada pela Europa e enterrada sob os pés do Eu; b) versos 175 a 240: situação psíquica do Eu, angustiado e suicida, cuja “ânsia de conforto” resume-se a “uma necessidade de suicídio e um desejo incoercível de ser morto”; c) versos 245 a 378: a empatia do Eu, “solidário de todas as espécies sofredoras”,²⁶ prostitutas, bêbados, pobres, negras, aqueles que passam fome; d) versos 395 a 426: o inventário da ruína, que “vinha horrenda e deletéria”; e) versos 427 a 438: a utopia do nascimento de um feto, “que vinha substituir a Espécie Humana”.

“Os doentes” é uma narrativa feita na primeira pessoa do singular, por um Eu assassino, doente, angustiado, suicida, que sofre seus remorsos como civilização que “entrou na taba”, como “Humanidade que se lamentava” das “massas mortas”, das prostitutas, dos bêbados, dos famintos e das “escaveiradíssimas figuras das negras desonradas pelos brancos”. Em seu monólogo, o Eu narra o processo de colonização do país, do ponto de vista do genocídio de etnias indígenas pelo colonizador europeu, e também a industrialização fabricando uma série de oprimidos: negros, bêbados, desempregados, prostitutas etc. Neste trabalho, proponho analisar o trecho acerca da Paraíba indígena.

25 Versos 1 a 4 do poema “Os doentes”. Ibidem, p. 236.

26 Versos 23 e 24 do poema “Monólogo de uma sombra”. Ibidem, p. 195.

As duas Iracemas: a virgem e a vilipendiada

Na narrativa de José de Alencar,²⁷ a protagonista Iracema é a virgem dos lábios de mel. Ícone da vertente indigenista do romantismo brasileiro, o livro de Alencar criou um mito fundacional do Ceará, romantizando não apenas os indígenas, mas sobretudo a colonização, pois baseada numa união relativamente consensual entre duas culturas tão diferentes. A história nele narrada é uma representação da América colonizada pelo europeu, na qual está difundida a ideia da submissão da mulher ao homem e do indígena ao colonizador. Se Iracema é mesmo anagrama de América, trata-se de uma cultura autóctone retratada por um representante da cultura colonizadora, que projeta na protagonista índia uma virgindade exigível apenas em termos europeus. Na fábula, essa Iracema/América estaria supostamente virgem da exploração econômica, até receber e voluntariamente trazer o imigrante às suas terras e entregar-se a ele, dando-lhe todos os frutos, incluindo aí um filho. Esse primeiro “mestiço” é apresentado como resultante de um amor consentido, até mesmo provocado pela índia brasileira, pois há quem interprete a flechada que desferiu no português Martim como sendo a do cúpido. Em um flash, Iracema vai de brava guerreira a amante dócil e submissa ao marido, apenas pela visão que o branco europeu lhe causa!

Há outras versões na literatura para a história da colonização da América. Uma delas é a narrada no poema “Os doentes”, no qual há também uma Iracema. Não a virgem, mas a vilipendiada pelo colonizador e “diminuída na crônica do mundo”:

Aturdia-me a tétrica miragem
De que naquele instante no Amazonas,
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Manchou de opróbrios a alma do mazombo,
Cuspiu na cova do morubixaba!

E o índio, por fim, adstricto à étnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,

27 O livro *Iracema* teve sua primeira publicação em 1865. ALENCAR, José de. *Iracema*. [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 183 p. (Série prazer de ler ; n. 4).

Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História!

Como quem analisa um apóstema,
De repente, acordando na desgraça,
Viu toda a podridão de sua raça...
Na tumba de Iracema! ...

Ah! Tudo, como um lúgubre ciclone,
Exercia sobre ele ação funesta
Desde o desbravamento da floresta
A ultrajante invenção do telefone.

E sentia-se pior que um vagabundo
Microcéfalo vil que a espécie encerra
Desterrado na sua própria terra,
Diminuído na crônica do mundo!²⁸

A índia chamada Iracema é justamente a protagonista do livro que leva o seu nome. Mas antes de se referir à índia, o poema fala do *mazombo* e do *morubixaba*. O primeiro é um nome de cunho pejorativo, dado aos nascidos no Brasil de pais estrangeiros, sobretudo portugueses, e o segundo é uma palavra indígena para o líder político de sua tribo, o cacique. Ambos, *mazombo* e *morubixaba*, são também personagens de José de Alencar, nada menos do que o filho e o pai de Iracema. Afinal, o pai da índia era o cacique de seu povo e o filho que ela teve foi com o português Martim. No poema, ao contrário do romance, esses personagens são vítimas do gênio de Colombo, utilizado como signo do colonizador, que “manchou de opróbrios a alma” de um e “cuspiu na cova” do outro.

O poema de Augusto dos Anjos conta-nos outra versão da história da colonização, na qual o índio foi “reduzido à étnica escória”, “anulado na crítica da História”, “desterrado na sua própria terra” e “diminuído na crônica do mundo”. A crítica da história e a crônica do mundo são construídas inclusive pela literatura. Ou seja, considero que Augusto dos Anjos, ao nomear de Iracema essa Paraíba indígena pela qual o poema chora, está, não apenas se afastando de outras escolas da

28 Versos 135 a 154 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*. volume único, 1994, p. 240.

literatura brasileira, mas denunciando o papel que certa literatura cumpre na anulação e diminuição da etnia indígena.

Silviano Santiago define entre-lugar como “o lugar que ocupa hoje o discurso literário latino-americano no confronto com o europeu”²⁹. Esse confronto dá-se entre o colonizado e o colonizador. O autor faz uma contundente diferença entre uma literatura de “assimilação” e outra, que define como “escrever contra”. E denuncia toda uma tradição escolástica da crítica literária, ao “declarar a falência de um método que se enraizou profundamente no sistema universitário: as pesquisas que conduzem ao estudo das fontes ou das influências”³⁰. Prossegue, defendendo a adoção de “um novo discurso crítico” que “estabelecerá como único valor crítico a diferença”³¹. Há um parágrafo que pode ser tomado como uma definição da poesia de Augusto dos Anjos, que nitidamente resulta da apropriação de uma técnica (o soneto) e de um vocabulário (científico) para criar seu “movimento de agressão contra o modelo original”. Assim, marca uma posição de diferença e divergência em relação tanto ao cientificismo quanto à literatura vigentes na época. É este o procedimento que Santiago define como escrever contra:

Nosso trabalho crítico se definirá antes de tudo pela análise do uso que o escritor fez de um texto ou de uma técnica literária que pertence ao domínio público, do partido que ele tira, e nossa análise se completará pela descrição da técnica que o mesmo escritor cria no seu movimento de agressão contra o modelo original³².

Além disso, a narrativa presente no poema “Os doentes” responde ao apelo feito por Walter Benjamin, na ocasião em que formulou sua VIII tese acerca do conceito de história, na qual apelou aos filósofos e críticos para que dessem conta da “tradição dos oprimidos”³³. No poema, o verme vem parasitar o cadáver do mesmo modo que o colonizador veio parasitar o povo autóctone, pois o narrador sente os micróbios passearem pelas cancerosidades do organismo como inúmeros soldados³⁴. A *Iracema virgem* é de uma literatura dominante, pois “os dominantes de turno são os herdeiros

29 SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*, 2019, p. 9.

30 Ibidem.

31 Ibidem.

32 Ibidem, p. 22-23.

33 BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”, 2005, p. 83.

34 Versos 83 a 86 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 238.

de todos os que, algum dia, venceram”³⁵. Já a Iracema do poema, a vilipendiada, faz alegoria a essa literatura, pois arruína o Historicismo presente no romance. Sendo assim, ela é uma protagonista emblemática do índio “desterrado em sua própria terra” e também serve de “forte coeficiente de desterritorialização”,³⁶ como característico de uma literatura menor, no sentido dado por Deleuze³⁷.

A hética e a ética

No início do poema “Os doentes”, o Eu identifica suas desgraças “ao resultado de bilhões de raças que há muitos anos desapareceram”³⁸. Doravante, fará o inventário do desaparecimento de uma etnia específica, a indígena, a qual designa “massas mortas”:

Ah! Somente eu compreendo, satisfeito,
A incógnita psique das massas mortas
Que dormem, como as ervas, sobre as hortas,
Na esteira igualitária do teu leito!³⁹

Os responsáveis pela morte dessas massas são os colonizadores, cuja doença começa a ser descrita a partir do verso 66:

Da degenerescência étnica do Ária
Se escapava, entre estrépitos e estouros
Reboando pelos séculos vindouros,
O ruído de uma tosse hereditária.
(...)
Descender dos macacos catarríneos,
Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma escarradeira,
Pintando o chio de coágulos sanguíneos!
(...)

35 BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”, 2005, p. 70.

36 ANDRADE, Ana Luiza. “A modernidade de uma linguagem em ruínas: contra-arquiteturas”, 2016, p. 356.

37 DELEUZE, Gilles. *Kafka: para uma literatura menor*, 2003.

38 Versos 12 a 14 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 236.

39 Versos 47 a 50 do poema “Os doentes”. *Ibidem*, p. 237.

Falar somente uma linguagem rouca,
Um português cansado e incompreensível,
Vomitando o pulmão na noite horrível
Em que se deita sangue pela boca!
Expulsar, aos bocados, a existência
Numa bacia autômata de barro,
Alucinado, vendo em cada escarro
O retrato da própria consciência!⁴⁰

A estrofe dos versos 66 a 70 é fundamental para desfazer uma leitura unilateral, recorrente e restritiva, que afirma ser a doença, a decrepitude e a morte descritas no poema decorrentes da doença respiratória da qual o autor sofria. A doença que o poema denuncia é “a degenerescência étnica do Ária”, da qual escapa, pelos séculos vindouros, uma tosse hereditária. A tosse, o escarro, o cuspe ensanguentado, essas imagens tão fortes, resultam da degeneração de uma etnia, a ariana. Afinal, esse doente vê “em cada escarro, o retrato da própria consciência!”. E não se trata apenas dos alemães, pois os “macacos catarríneos” – catarrentos – são uma “família de macacos do Velho Continente, dotados de narinas abertas na base do nariz e muito próximas e de sistema dentário idêntico ao do homem”⁴¹. Todos europeus estão aqui incluídos, pela alusão a essa degenerada ascendência comum. A seguir, o poema descreve o genocídio dos índios brasileiros, impetrado no processo de colonização, durante o qual “seu povo tombaria agonizante, na luta da espingarda contra a flecha”. O resultado do colonialismo está descrito nos versos 163 a 170:

Mas, diante a xantocróide raça loura,
Jazem, caladas, todas as inúbias,
E agora, sem difíceis nuanças dúbias,
Com uma clarividência aterradora,
Em vez da prisca tribo e indiana tropa
A gente deste século, espantada,
Vê somente a caveira abandonada
De uma raça esmagada pela Europa!⁴²

40 Versos 67 a 94 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 238.

41 Consultado em: <https://www.dicio.com.br/catarrineos/>. Acesso em: 03 abr.2020.

42 Versos 163 a 170 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 241.

No poema, como fica evidente nestas estrofes, a caveira serve de alegoria a uma raça esmagada, pois retrata o genocídio dos índios no decorrer da colonização da América por povos europeus. Na história da arte há uma caveira pintada num quadro famoso, contemporâneo ao início da colonização. Trata-se do quadro “Os Embaixadores” (1533), pintado por Hans Holbein, no qual estão um nobre e um religioso, cercados por artefatos da cultura europeia da época e instrumentos de navegação: globo, livros, luneta, astrolábio, etc. Sob os pés dessas autoridades, foi inserida uma figura distorcida, que se mostra uma caveira, por um determinado ângulo. No plano superior da tela está presente a ciência em sua aurora, patrocinada por poderes absolutos, tanto de nobres quanto da Igreja, e a técnica que ela avançava sobre as “massas mortas”, povos a serem dizimados na conquista de outros continentes, os quais a caveira do plano inferior alegoriza.

Proponho uma leitura para o poema “Os doentes” tomando o quadro “Os Embaixadores” como sendo o seu enunciado (dito). De maneira complementar, sugiro adotarmos uma estrofe do poema como legenda do quadro. Ou seja, a enunciação feita pelo poema está mostrada no quadro, pois a caveira serve como alegoria ao genocídio indígena impetrado pelos europeus no processo de colonização.



Fig. 01: “Os Embaixadores” (1533), pintado por Hans Holbein

“Em vez da prisca tribo e indiana tropa, a gente deste século, espantada, vê somente a caveira abandonada de uma raça esmagada pela Europa!”

No poema “Os doentes”, o Eu narra a civilização como processo de produção de hegemonia cultural mediante aculturação de outros povos. Nele está descrita a humanidade como um bárbaro empreendimento civilizatório, de uma “raça loura” calando as trombetas dos povos subjugados, impedindo que resistam. Esse tempo, no qual uma raça se ergue como “pretensamente pura e dominante”, Deleuze nomeou “delírio como doença por excelência”:

A literatura é delírio e, a esse título, seu destino se decide entre dois polos do delírio. O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante. Mas ele é a medida da saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura⁴³.

Nesse sentido, o delírio do Eu no poema é índice de saúde, pois abre um sulco na literatura para que “essa raça bastarda oprimida”, o indígena brasileiro, possa resistir ao esmagamento sob os pés da Europa. Em sua VII tese, Benjamin propõe uma crítica ao Historicismo, acusando-o de advogar a favor do rompimento com o passado. Chamou tal procedimento de “acedia, indolência do coração, que hesita em apoderar-se da imagem histórica autêntica que lampeja fugaz”⁴⁴. A caveira pintada por Hans Holbein e a caveira de uma raça esmagada pela Europa, descrita no poema, são iluminações profanas, cada uma sendo a “imagem histórica autêntica que lampeja fugaz”. Tais iluminações permitem que os bastardos oprimidos possam abrir sulcos para si na literatura, regressando do mundo dos mortos para uma crônica do mundo. O cadáver dos povos oprimidos é aquilo que o Historicismo apaga e esconde, mas uma literatura o traz à tona.

Há artistas cuja obra tem o mérito de retratar a barbárie sob o verniz de cultura, entre eles Goya e Baudelaire. Augusto dos Anjos está nessa tradição, que não se reduz a uma escola, nem se restringe a um período literário. Tais obras testemunham uma posição ética de seus produtores. O poema “Os doentes” faz da arte uma voz, da obra um discurso, que não silencia diante da violência do “homem grande oprimindo o homem pequeno”,⁴⁵ como reafirmado no poema “As cismas do destino”. Em “Os

43 DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 15.

44 BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”, 2005, p. 70.

45 Verso 314 do poema “As cismas do destino”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*. volume único, 1994, p. 220.

doentes”, há uma palavra-chave, reveladora do procedimento alegórico. Tirada do vocabulário médico: *hética*, sinônimo de *tísica*, significa “consunção progressiva do organismo humano”⁴⁶ e é homófona à palavra *ética*. Ela aparece na seguinte estrofe:

Mas vos não lamenteis, magras mulheres,
Nos ardores danados da febre hética,
Consagrando vossa última fonética
A uma recitação de misereres⁴⁷.

As questões acerca da voz são recorrentes no início do poema e estão presentes em algumas estrofes, como no exemplo acima. Essa voz “quer dizer a angústia de que é pábulo” o seu padecedor, mas não é capaz, pois “sente como a ponta de uma faca, cortando as raízes do último vocábulo”⁴⁸. Essa dificuldade de dizer sua angústia decorre de uma gagueira, que impede sua expressão:

Aquele ruído obscuro de gagueira
Que à noite, em sonhos, mórbidos, me acorda,
Vinha da vibração bruta da corda
Mais recôndita da alma brasileira!⁴⁹

A “alma brasileira” não consegue dizer sua angústia. Os índios, os pobres, os negros, as prostitutas são adoecidos, deixados mudos ou gagos, num processo de colonização e de industrialização, impetrados pelos opressores, que são os doentes éticos de ontem e de hoje. *Hética*, como sinônimo de *tísica*, a degeneração progressiva do organismo rumo a sua dissolução na morte, faz alegoria, por homofonia, à *ética* como uma condição do ser humano que, porta-dor e porta-voz da linguagem, vive na dimensão da escolha. O ser de linguagem, falante, não pode escolher não morrer (*hética*), mas pode escolher não matar (*ética*). Descrita no poema “As cismas do destino”, a falta ética de “violiar as leis da Natureza” é matar por ganância e crueldade.

46 Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hetica/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

47 Versos 107 a 110 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*. volume único, 1994, p. 239.

48 Verso 95 e seguintes do poema “Os doentes”. Ibidem, p. 240.

49 Versos 127 a 130 do poema “Os doentes”. Ibidem.

Nesse poema, o Eu narrador afirma que a doença a qual se refere não é particular nem própria:

E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava, à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza
Era a espectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza!⁵⁰

Ele contém a declaração de que a doença descrita não é de um único indivíduo, mas “a espectoração pútrida e crassa de uma raça”. Os problemas respiratórios de Augusto dos Anjos, às vezes usados como subterfúgio para uma leitura literal de sua poesia, podem ter sido apenas a encarnação dos sintomas que ele vê e ouve no mundo, essas “coisas irrespiráveis” tornadas poesia, das quais nos fala Deleuze:

O mundo é um conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (...), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis⁵¹.

A “tísica precoce” do poema “As cismas do destino” é a mesma “febre hética” do poema “Os doentes”. Não se trata de uma doença individual. A doença que torna essa raça tísica - *hética* - é ter violado as leis da Natureza, ou seja, certa *ética*. O Eu está “alucinado, vendo em cada escarro o retrato da própria consciência!”⁵². Em “Os doentes”, a *poética* de Augusto dos Anjos mostra um duplo e simultâneo padecimento do homem civilizado: suas moléstias físicas, uma tísica que ciência nenhuma

50 Versos 77 a 84 do poema “As cismas do Destino”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 213.

51 DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*, 2011, p. 14.

52 Versos 93 e 94 do poema “Os doentes”. In: ANJOS, Augusto. *Obra completa*: volume único, 1994, p. 239.

interrompe, e seu mal estar em razão de uma ética adotada. Portanto, há dois entrelugares fundamentais no poema, pois o Eu que narra é, ao mesmo tempo, *um outro* (os adoecidos) e *outros* (uma raça eticamente doente).

Como a cultura faz a função de envernizar o solo sobre o qual jaz a barbárie que ela própria produz, a alegoria serve à arte como procedimento para dar legibilidade aos restos enterrados. Em seu procedimento, como quem escava ruínas, Augusto dos Anjos faz uso da morte, no sentido da destruição incoercível do corpo, para denunciar o genocídio no qual se fundamenta a moral civilizada, custeada pelo progresso técnico-científico. Se o poeta assumiu um lugar limiar na literatura brasileira pode ter sido em razão de fazer retornar uma verdade até então recalcada: uma caveira esmagada subjaz ao asfalto da civilização.

Como descreveu José Lins do Rego, “o menino havia de perceber que a terra fugia dos pés de sua gente”⁵³. Ele próprio, Augusto, deixou para trás o engenho Pau d’Arco e as aulas socráticas à sombra do Tamarindo, proferidas pelo pai letrado. Da terra, levou consigo as letras, como semente e remédio. Empobrecido, não pode afastar-se do trabalho de professor para tratar a pneumonia que o matou, pois mal ganhava para o sustento de si e da família. Sua literatura foi sua saúde, no sentido de lhe ter proporcionado uma durabilidade na cultura, em razão dele ter retratado tão bem em sua poesia as coisas “irrespiráveis” nos sintomas do mundo.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius NicastroHonesko. Chapecó: Argos Editora da Unichapecó, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. “A quem se dirige a poesia”. In: *Giorgio Agamben: um poema e um ensaio*. June, 2016, by Ninarizi. Disponível em: <https://ninaarizzi.wordpress.com/2016/06/09/giorgio-agamben-um-poema-e-um-ensaio/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

ALENCAR, José de. *Iracema*. [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 183 p. (Série prazer de ler ; n. 4).

ANDRADE, Ana Luiza. “A modernidade de uma linguagem em ruínas: contra-arquiteturas”. In: ANDRADE, Ana Luiza, BARROS, Rodrigo Lopes de e CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. (Org.). *Ruinologias: ensaios sobre destroços do presente*. Florianópolis: EdUFSC, 2016.; p. 353-399.

53 REGO, José Lins do. “Augusto dos Anjos e o engenho Pau d’Arco”, 1994, p. 134.

- ANJOS, Augusto dos. *Obra completa: volume único*. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ANJOS, Augusto dos. “Carta Aberta”. In: *Obra completa: volume único*. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 579-581.
- BENJAMIN, Walter. “O surrealismo: último instantâneo da inteligência européia”. In: *Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 21-35.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução João Barrento. 2. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens*. Tradução de Ana Luiza de Andrade; revisão técnica de David Lopes da Silva. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Chapecó/SC: Editora Universitária Argos, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira (Resumo para principiantes)*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1999.
- CAVALCANTI-SCHIEL, Ricardo. “Revisitando a cidade letrada latino-americana: do sonho de ordem à subversão das misturas”. *Revista Cult*, fev. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/revisitando-cidade-letrada-angel-rama/>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- CAVALCANTI, Camillo. “A poética de Augusto dos Anjos: o entre-lugar do Eu”. *ActaScientiarum, LanguageandCulture*, v. 36, n. 1, p.51-60, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v36i1.17310>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. tradução de Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. Disponível em: http://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2016/02/kafka-_para_uma_literatura_menor-_deleuz.pdf. Acesso em: 17 abril 2020.
- FREUD, Sigmund. *O infamiliar / Das Unheimliche*. Seguido de *O Homem de Areia* / E. T. A.

Hoffmann; tradução Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 8).

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do Eu”. In: *Escritos*. tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. 1969-1970. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. João Pessoa: Editora da Universidade da Paraíba, 1962.

REGO, José Lins do. “Augusto dos Anjos e o engenho Pau d’Arco”. In: *Obra completa: volume único / Augusto dos Anjos; organização, fixação do texto e notas*, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 133-141.

RIMBAUD, Arthur. “Carta a Izambart”, maio de 1871, “carta a Demyen”, 15 de maio de 1871. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. tradução de Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 42.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SOARES, Órris. “Elogio de Augusto dos Anjos”. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa: volume único; organização, fixação do texto e notas*, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 60 e 64.

Submissão: 21/05/2020

Aceite: 29/07/2020

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2019.e73269>

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0